

ASPECTOS DA ESTRUTURA OCUPACIONAL DE UMA REGIÃO PESQUEIRA DO CEARÁ (*)

LUÍS DE GONZAGA MENDES CHAVES

1. INTRODUÇÃO

Foi objeto básico de estudo para este trabalho a vila de Almofala, onde estivemos demoradamente em 1967/68 e no início de 1970. Trata-se de lugar litorâneo e pesqueiro situado cerca de 250 quilômetros ao norte da Capital do Estado do Ceará, pertencendo administrativamente na qualidade de vila ao município de Acaraú de cujo distrito-sede está afastada 42 quilômetros para o leste. Está inserida numa área geográfica de cerca de 63 km², a partir do mar, a qual também se denomina Almofala. Trata-se de terra concedida originalmente aos índios Tremembés, habitantes daquele local, por alvará do rei português, datado dos fins do século XVII ou início do século XVIII, por solicitação de sacerdotes jesuítas, a fim de poderem aldear os índios. Essa área ainda hoje é chamada de vez em quando de "aldeamento". Temos assim a "Grande Almofala", correspondente a esse aldeamento, com vários núcleos de casas dispersas dentro dele, que são: 1) a "pequena Almofala" composta de 3 pequenas ruas — as quais convencionalmente denomino ruas do Centro, do Norte e do Sul — distendidas de leste a oeste, a meio quilômetro do mar, além de várias casas dispersas na praia; 2) alguns sítios com nomes próprios como Panã, Barro Vermelho, Lameirão, Torrões, Brejo, todos em volta da "pequena Almofala", que a vila central.

(*) Este artigo representa a 1.ª versão de um dos capítulos da tese de mestrado do Autor.

Existem lá duas atividades econômicas fundamentais: a pesca e a agricultura. Essa abrange o plantio, para o consumo local, de mandioca, feijão, milho, batata-doce, jerimum, melancia etc., crescendo sua importância quando lhe adicionamos a plantação de coqueiros que consistem numa das maiores fontes locais de dinheiro, com a exportação de cocos para Fortaleza. Quanto à pesca, sua técnica principal é a de curral, que consiste numa grande armadilha para o aprisionamento do peixe, construído dentro do mar, com arame, varas e cipós. Ultimamente tem florescido a "pesca de linha" no alto mar, a qual todavia não supera ainda a pesca de curral. A maior parte da produção do peixe é exportada para Fortaleza; do resto, parte se escoava para os lugares vizinhos, parte serve de alimentação aos habitantes.

A importância deste trabalho decorre do fato de, não obstante se basear numa vila pesqueira (sendo portanto um estudo de caso), refletir os princípios estruturais das ocupações da maioria, senão da totalidade dessas pequenas comunidades pesqueiras existentes no litoral cearense, de acordo com observações levadas a efeito pelo autor em visitas à maioria delas.

2. ASPECTOS DA ESTRUTURA OCUPACIONAL

A distribuição das ocupações na comunidade está representada numericamente na tabela I seguinte:

TABELA I (*)

Total da População	Pessoas Ocupadas	Ocupados na agricultura	Ocupados na pesca	Comerciantes e corretores	Donas de casa	Prostitutas	Outras ocupações (**)
2 106	925	278	129	44	321	43	110

Convém advertir que esse levantamento exibe a ocupação que as pessoas indicaram de si, e não foram atribuídos pelo autor. Esse esclarecimento é particularmente importante sobretudo no que se refere

(*) O levantamento estatístico foi realizado sob a responsabilidade do autor.

(**) Outras ocupações correspondem a: professoras, motoristas, lavadeiras, esmoleres, tratadeiras de peixe; artesãos: fiandeiros, pedreiro, fazedor de tarrafa e uru, tecedores de arame, ferreiro, carpinteiro, costureira etc.

à categoria "prostitutas". Com efeito, 43 pessoas declararam-se "prostitutas" à pergunta sobre sua ocupação principal, mas numa investigação mais profunda verificou-se que houve uma confusão desse conceito como categoria ocupacional (1) e como "categoria moral". Somente cerca de 15 eram de fato "prostitutas" de acordo com os critérios hoje aceitos pela ciência para a definição desse conceito, como veremos adiante, sendo grande parte das demais "donas-de-casa". Entretanto, no item "donas-de-casa" evidentemente não foram elas registradas a fim de não haver repetição.

Deflui desse quadro a relevância decisiva das atividades do setor primário — agricultura e pesca — no qual incide a percentagem maior de pessoas ocupadas: 44%, ou sejam, 407 das 925, convindo advertir que a maior parte aí é constituída de chefes de família. Abstraindo, porém, o item "atividades domésticas" em que está inserido elevado número de donas de casa, declina a quantidade de pessoas ocupadas a 605, perfazendo então 67,3% o índice do setor primário, percentagem que reascende a 85,2% se excluirmos todo o número de mulheres ocupadas — exibidoras em sua quase totalidade de relevância apenas secundária ou auxiliar no sistema econômico.

Depara-nos, outrossim, que a agricultura sobreleva a pesca em termos de pessoas ocupadas. Todavia, grande parte das pessoas contidas nesse item exerce como atividade secundária a pesca enquanto que a quase totalidade das que se declararam ocupadas na pesca são apenas pescadores. Além disso, as engajadas em atividades agrícolas são em sua maioria pequenos assalariados que buscam trabalho aqui e ali junto a detentores de posse de terra e cuja produção se restringe quase exclusivamente ao âmbito estreito de sua subsistência. Assim, mesmo considerando os coqueiros — item que proporciona ao setor agrícola sua feição e relevância especial como produto destinado primariamente ao mercado, gerador de lucros nímios aos seus donos, segundo veremos adiante — a agricultura, embora tenha exibido maior amplitude no levantamento estatístico, é superada pela pesca, pois no cômputo global da economia da comunidade e da região o setor pesqueiro é mais significativo por sobrepujar a agricultura no *quantum* de sua produção e no seu alcance social para a comunidade. Um próprio habitante ocupado no comércio nos fornece o seu depoimento esclarecedor: "A agricultura é pequena. O côco só serve pros donos de coqueiro que são bem pouquinhos. Os empregados junto a esses donos são poucos, muito poucos. O peixe é diferente: tem o dono do curral, tem os vaqueiros, tem os canoeiros, tem os ajudantes, tem as tratadeiras de peixe, tem aqueles particulares que acorrem na hora da

(1) "Ocupação" significa aqui qualquer padrão de atividades direta ou indiretamente relacionadas com a produção econômica. Entra portanto na definição também a categoria "dona-de-casa".

maré e que fazem trabalhos ocasionais (por exemplo, ajudar a trazer peixe da beira do mar para as pesqueiras), pessoas pra salgar e secar o peixe; ainda aqueles que tiram o peixe para o interior, pras matas pra vender. Tudo isso é melhor pro lugar. Enquanto isso, a agricultura não dá nem pra quem vive dela. O dinheiro do peixe vaga na mão de todo mundo, até dos próprios meninos.” (1)

Com referência à distribuição espacial dessas ocupações, verifica-se que a maior parte dos pescadores se localiza dentro da pequena Almofala e/ou nos Torrões, enquanto a residência dos lavradores se estabelece mais para o interior em direção ao sertão. As terras em que lavram já se situam quase sempre fora da área de Almofala, em terras circunvizinhas, do município ou de outro município (Itapipoca).

Dentro de cada um desses setores existem ocupações específicas que ou representam estágios sucessivos da produção — como, no caso da agricultura, “cortar” ou “brocar” a mata para o roçado; “plantar”, executar as mondas e no final o trabalho da colheita —, ou representam papéis constitutivos da divisão profissional do trabalho, como na produção pesqueira, cindida de saída em dois tipos principais — a pesca de curral e a de linha: o “vaqueiro”, o “canoeiro”, o “ajudante”, o “mestre”, o “contra-mestre”, o “bico-de-proa”.

Entretanto, apesar dessas atividades específicas, as pessoas, ao serem indagadas sobre sua profissão, optam sempre pela forma genérica da mesma: “sou agricultor” ou “sou lavrador” “sou pescador”, ao invés de responderem: “sou vaqueiro de curral”, “sou prensador de casa-de-farinha” etc. Ocorre isso em virtude da simplicidade relativa da divisão do trabalho. Com efeito, não obstante a proporcionalmente abundante constelação de tarefas dentro desses setores, não representam elas “especialidades” no sentido rigoroso do termo. Não exigem treinamento intensivo, não requerem habilidades exclusivas, de modo que na região faz parte do elenco de expectativas sociais que o agricultor ou o pescador sejam em princípio sempre capazes de executar qualquer das tarefas de seu ramo. Essas são escolhidas mais em consequência de preferências pessoais quando dependem do trabalhador, como em consequência do complexo estrutural da sociedade, quando dele não dependem.

Quanto ao critério de opção das pessoas por um desses setores ou por outra ocupação (por exemplo, comerciante, corretor), podemos apontar fatores de nível pessoal: preferências, simpatias, jeito etc., e fatores de ordem social entre os quais um dos mais importantes é a socialização doméstica, condicionante inclusive dos fatores de ordem individual. Cedo os pais de família vão introduzindo seus filhos no treinamento de uma profissão, quase sempre a sua. Isso, além de ser

(1) De uma entrevista.

um fenômeno registrado pela observação, é ratificado ao correr das entrevistas de vinte pessoas diferentes. Els alguns exemplos: a) "Não precisa ninguém ensinar os meninos a trabalhar não, eles começam vendo os mais velhos fazer o serviço ou então os pais levam eles para ajudar e quando dá-se fé estão trabalhando no que querem"; b) "Quando o menino tiver com mais de dez anos, vai trabalhar com o pai. O João ainda num levou ele pras pescarias, para ele ir se acostumando a ver como é, porque num tem embarcação própria. Aqui, quando o pai tem embarcação, leva o filho desde cinco anos com ele para ir botando no costume; primeiramente só vai quando a pescaria é por perto que dá pra sair de manhã cedo e voltar cedo da tarde; quando o menino vai ficando com oito anos é que vai pras pescarias mais longe, até que se acostumam a pescar e a ganhar seu dinheiro também"; c) "A profissão dos filhos quem escolhe são eles mesmos. Também não tem quase o que escolher porque se acostumam a trabalhar no serviço do pai e terminam com aquela profissão"; "Tem menino que fica na beira da praia fazendo alguma venda de tapioca, manga, banana, outros ficam vendendo um peixe, fazendo mandados pros donos de embarcação e no fim ganham algum dinheiro".

Assim, os filhos de pescadores propendem a ser pescadores; os de agricultores, a trabalhar na lavoura. Naturalmente ocorrem exceções frequentes a essa norma. Por exemplo, certos fatores objetivos limitam a relevância da socialização para a escolha da agricultura. A falta de recursos (terra) suficientes para a exploração satisfatória dessa atividade é um desses fatores. O resultado é que muitos socializados em trabalhos agrícolas se contemplan no dilema de permanecerem nesse setor mas como "trabalhadores alugados" (assalariados) ou a optarem totalmente pelo mar que os "convida a ganhar dinheiro em qualquer dia", apesar dos perigos que alguns apontam nessa atividade (1). Como no sistema de valores da comunidade a categoria "trabalhador alugado" tem baixíssima cotação (2), "por render pouquíssimo, ser muito árdua e não oferecer segurança alguma", alguns vindos da agricultura se iniciam nas atividades pesqueiras. — "A única profissão que presta para uma pessoa seguir aqui é a de pescador; se

(1) A primeira vista talvez se seja tentado a pensar que por serem pescadores e estarem habituados com o mar, as pessoas não achem perigosa a tarefa de pescar. Todavia muitos pescadores em Almofala não vacilam em alegar perigos nessa faina e às vezes até em confessar medos que tiveram em o mar.

(2) Reza um mito local, usado à guisa de anedota, que Deus, após criar todas as ocupações, virou-se ao demônio dizendo-lhe: "acabo de criar e distribuir todas as profissões aos homens. Resta apenas uma que lhe reservei: "trabalhador alugado". Ao que o demônio retorquiu "longe de mim tal profissão, entregue-a aos pobres miseráveis!" — (atente-se para a confusão de níveis: profissão e relação de trabalho).

o menino num dá pra vida do mar, fica sem fazer nada, tem só serviço grosseiro que é o da enxada, num dá quase lucro e só faltam morrer de trabalhar. Meu marido e meus filhos num dão pra esse tipo de serviço" (1). Outros procedem a um arranjo combinatório dos dois setores, trabalhando na lavra e executando simultâneas atividades pesqueiras mais modestas em embarcações "quase de brincadeira, quase uns cochos" na faixa de mar próxima à terra, ou de tarrafas, nas camboas. — "Trabalho na enxada e no mar. Só agricultura não está dando mais resultado, por isso fiz um paquetezinho e vou experimentando o mar. Porque, a Deus querer, é com que a gente salva a situação melhor" (2)

Algumas vezes já na época da socialização infantil, alguns pais quando não se mostram satisfeitos com o trabalho tratam logo de encaminhar seus filhos à ocupações diversas da sua. Isso, segundo eles, quer por causa da situação precária da agricultura (quando agricultores), quer em virtude da "vida perigosa" do mar (quando pescadores).

Além dos setores agrícola e pesqueiro, registram-se naturalmente outras ocupações, como exhibe a tabela I, que poderiam ser classificadas em: direta ou indiretamente em função de ambas ou de uma dessas duas atividades precípuas. No primeiro caso estão incluídas as que são necessárias e acessórias às atividades principais e cuja ausência dificultaria e/ou impossibilitaria a sua execução, enquanto no segundo se inserem aquelas imprescindíveis aos agentes (como pessoas) da pesca e da agricultura. Surgem assim em primeiro plano comerciantes e corretores, ferreiros, carpinteiros, tecedores de arame e cipó, tratadeiras de peixe, remendeiras de velas e redes de pesca, e, em segundo, ocupações domésticas, professoras, parteiras, prostitutas, lava-deiras etc.

Trataremos aqui resumidamente apenas de algumas ocupações mais importantes do segundo grupo. Enfatize-se, porém, antecipadamente a relevância sociológica do papel dos comerciantes e corretores na interconexão dos sistemas produtivos "pesca-agricultura", na ligação do mercado interno com o regional, e desses com o mercado externo. (1)

O item "ocupações domésticas" nos induz a referir ainda à divisão do trabalho baseada no critério de sexo e idade. Existe demarcação assaz nítida entre as ocupações atribuídas aos homens e às atribuídas às mulheres, bem como aos adultos e às crianças. Além das domésticas, as atividades caracteristicamente femininas são: na área da pesca, tratar peixes, remendar panos de velas, redes em geral,

(1) e (2) De entrevistas.

(1) As ocupações do 1.º grupo são tratadas por mim em outro tópico de minha tese de mestrado.

apanhar sirlis na praia, enquanto se reserva aos homens, além do serviço da pesca *stricto sensu*, ainda o trabalho de carregar o peixe, salgar, secar, fazer contagem, recolhê-lo. (Da cata de sirlis e do tratamento do peixe participam também crianças de ambos os sexos); no setor agrícola, a colheita do feijão, enquanto a do milho é reservada ao homem, "porque a mulher tem mais jeito para o feijão, o serviço é mais maneiro, talvez o homem não queira perder tempo com esse serviço e bota a mulher"; a raspagem de mandioca em casas-de-farinha etc.; em outros setores: parteiras, prostitutas, lavadelras. As crianças se iniciam em pequenos trabalhos domésticos por volta de oito anos de idade: as meninas na arrumação da casa; os meninos, em fainas mais ligadas ao pai: cortam alguma cana para forragem, buscam um animal no cercado, puxam água, fazem um mandado na mercearia, executam pequenas vendas de peixe na praia etc. Por volta de dez anos já acompanham os pais, aprendendo-lhes paulatinamente a profissão. Frequentemente é utilizado o seu trabalho nas atividades praticadas por mulheres (tratamento de peixe, cata de sirlis, carregamento de mandioca para casa de aviamento etc.).

A divisão segundo os sexos é ocasionada por uma combinação de motivos de ordem ideológica e de ordem econômica: além de no quadro valorativo da sociedade o homem como representante do sexo forte ter a obrigação de exercer tarefas que requerem o dispêndio de mais força física, limitando-se à mulher trabalhos mais maneiros, além disso, e talvez por causa disso, o valor monetário do trabalho das mulheres, como o das crianças, corresponde à metade do preço da mão-de-obra masculina. Assim, não se deve colocar o homem para "raspar a mandioca", por exemplo, já que o mesmo deve ficar disponível para trabalhos mais pesados, e representa uma mão-de-obra mais cara em relação à mulher. Quanto ao prestígio, as ocupações masculinas, em consequência, são mais valorizadas do que as femininas, sendo em geral humilhante ao homem desempenhar as últimas. Assim, tendo o trabalho masculino muito maior prestígio e coincidindo com o critério de maior robustez física, cabe aqui uma indagação que fica contudo sem resposta: as ocupações masculinas têm mais prestígio porque apoiadas à força física ou, ao contrário, as ocupações que requerem mais força física têm mais prestígio porque são ocupações masculinas? (1)

A ocupação doméstica é a mais importante das tarefas femininas. Toda mulher casada, ou com o *status* de dona de casa, integra-

(1) Parece à primeira vista que a valorização do macho se identifica sempre com a valorização da força. A História, porém, nos lembra que às vezes mesmo quando o macho tem a supremacia em prestígio e valor, nem sempre exerceu com exclusividade as tarefas exigidoras de muita força física, repartindo-as com as mulheres, e nem por isso essas se igualaram em prestígio aos homens. Vide Max Weber, *História Geral da Economia*, pág. 61, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1968.

-se incontinenti e inevitavelmente nela e, se executa outra ocupação, é quase sempre de modo paralelo e adicional. Consiste no quadro de atividades jungidas à economia doméstica: a arrumação domiciliar, as providências ao redor da alimentação, do vestuário e do lazer dos habitantes da casa (2). São tarefas indispensáveis e fundamentais no contexto de uma economia tradicional. Entre elas gostaria de realçar a relevância sociológica da atividade de "ir buscar água na cacimba", instituição que equivale a um dos mais eficazes veículos de informação e comunicação dentro da comunidade, ao lado das crianças preenchedoras de papel semelhante.

A cacimba para água de beber se situa num terreno baixo denominado "a baixa" pelos habitantes, a uns 500 metros da rua central, sendo de uso comum para a comunidade (pequena Almofala), haurindo-se lá principalmente a água de beber. Água para cozinhar, tomar banho, lavar casa e roupa é obtida de cacimbões existentes nos quintais de grande parte das casas. Todo dia pela manhã, a partir das sete, ou ao cair da tarde, as donas de casa vão geralmente em grupos de duas ou três, acompanhadas não raro dos filhos menores, buscar água na cacimba. Lá chegando, têm que esperar sua vez, obedecendo à ordem de chegada. É nessa ocasião que se registra autêntico intercâmbio de informações e comentários sobre tudo o que se passa no lugar. É um "namoro escandaloso" da filha do vizinho; é a intriga do Sr. Raimundo com o Sr. José; é a suspeita de infidelidade de D. Zefa; é a "roubalheira" dos comerciantes; é a "exploração" dos donos de curral etc. — "Aí comentam a vida de todos, falam das moças e senhoras, levantam falso de todo jeito" (uma entrevistada). (1)

(2) A fim de que o leitor conceba uma idéia mais ou menos fiel dessas tarefas, vai aqui a descrição real do dia de uma dona de casa.

Quando por volta das cinco horas da manhã irrompem no horizonte os primeiros clarões do dia, levanta-se D. Lina e vai lançar fora, ao lado da casa, em terreno baldio, ou no quintal, os detritos dos urinóis acumulados na noite anterior não existe em casa compartimento sanitário. Acende em seguida o lume, prepara o café, serve-o ao marido prestes a sair para o trabalho. Ingere o seu desjejum, enquanto se vão levantando as crianças a quem cozinha o mingau de farinha e chá. Vai depois à cacimba buscar água de beber; puxa água da cacimba no quintal para arranjar o almoço, lavar a louça, enxaguar a roupa, banhar os meninos. Toma da vassoura e varre a casa. Limpa a louça suja da noite anterior remendo ou lava alguma roupa, se for o caso. Concluídas essas tarefas, põe o peixe no fogo para o almoço. Pelas dez horas dá um banho nos meninos, após o que possivelmente vai até a casa da vizinha e bate um papo. Por volta do meio-dia, quando retorna à casa o marido, ela lhe serve a comida dispendo os pratos e a panela de peixe e pirão de farinha sobre uma tábuca uma porta velha imprestável". "Põe o bocado de cada um", servindo primeiro o marido, depois os filhos e por último a si própria... Após o almoço repousam algum tempo, o marido sentado ao chão a brincar com os meninos. Quando ele volta à faina, inicia D. D. Lina a lavagem de pratos e dá uma varrida na cozinha para limpar os farelos de comida. Prossegue com um remendo, engoma uma roupa faz um mingau e, no fim da tarde, prepara algum peixe que o marido porventura haja trazido da praia, e às vezes vai ela própria à praia apanhar búzios para o jantar. Findo esse, servido geralmente pelas cinco ou seis da tarde, conversam um pouco sentados na cozinha ou na calçada, recolhendo-se em torno de sete e meia a fim de no dia seguinte reconduzirem a mesma rotina...

(1) É o gossip muito empregado na literatura antropológica em língua inglesa, sobre sociedades camponesas de qualquer parte do mundo.

As prostitutas, na linguagem usual apelidadas também de “raparigas”, “meretrizes” (através da corruptela “murutriz”) e, quando se lhes quer emprestar uma coloração pejorativa e agressiva, “putas”, ascendem a um número de 43, como consta da tabela I, número que se afigura enorme em proporção à pequenez da comunidade. É fama, aliás, que não somente Almofala, mas toda a região praieira são zonas de fértil proliferação de meretrício. Todavia, devemos atentar na relatividade e no verdadeiro significado do conceito nesses lugares como advertimos na página 2, pois nele não se encontra univocidade. Na literatura sociológica o conceito “prostituição” se aplica a um tipo de relações sexuais caracterizado por três requisitos fundamentais: a) objetivo de lucro por parte da mulher e, portanto, pagamento da união em dinheiro ou outra mercadoria; b) promiscuidade das relações i.e., a aceitação indiscriminada de homens diversos; c) como corolário dos dois primeiros, a indiferença emocional do ato (1). Schelsky aduz ainda um quarto requisito, para ele relevante: é uma relação desprezada pela sociedade (2). Em Almofala e na região esse conceito se alarga, porém, bastante. Em harmonia com o sistema de valores locais, a mulher que ganha a vida explorando as relações sexuais é meretriz, mas também o é a moça que algumas vezes “cai no erro” por amor e não casa, bem como a mulher que trai o marido, tornando-se o fato público e notório. Trata-se à primeira vista de um conceito bastante extensivo. Entretanto, quando bem examinada, a coisa na realidade não se revalida rígida assim e há de fato autêntica hierarquia de três tipos de “prostitutas”: 1) a que vive a vida quase inteira com um homem só; 2) a que se junta com um homem durante períodos de tempos relativamente longos e o deixa ou é deixada periodicamente para buscar de novo outro; 3) a que recebe sempre diferentes homens, por dinheiro. Rija sanção social recai sobre o último tipo, para se atenuar no segundo e como que se neutralizar no primeiro. — “Essas (primeiro tipo) são consideradas quase como casadas, às vezes não se casam porque os homens já são casados, deixaram a mulher ainda viva e não podem casar. Outro homem não procura elas não. Até eu (segundo tipo) que sou pior, quando tou vivendo com um homem, outro não se atreve a me procurar; mesmo que procure, eu não aceito, a não ser quando tou precisando muito de dinheiro, e isso muito escondido do meu homem” (uma entrevistada). Importante é pois ter em mente que as pessoas da comunidade, no seu complexo de expectativas e no seu comportamento real para com essas

(1) Enciclopédia de Ciências Sociais, verbete “prostitution”.

(2) Helmut Schelsky, Sociologia da Sexualidade, LBL Enciclopédia Lisboa, pág. 51. Lembra Schelsky que essa definição é bastante antiga e tradicional, tendo sido tomada ao Direito Romano que definia a prostituta como uma “mulher que se vendia sexualmente, pública ou secretamente, a um grande número de homens sem discriminação ou escolha, apenas com o objetivo de lucro material”.

mulheres, estabelecem nítida distinção entre os três tipos, agindo em conformidade com a mesma, e fornecendo até a impressão de se perceber uma tendência de modificação no sentido de restringir-se o conceito apenas ao terceiro tipo.

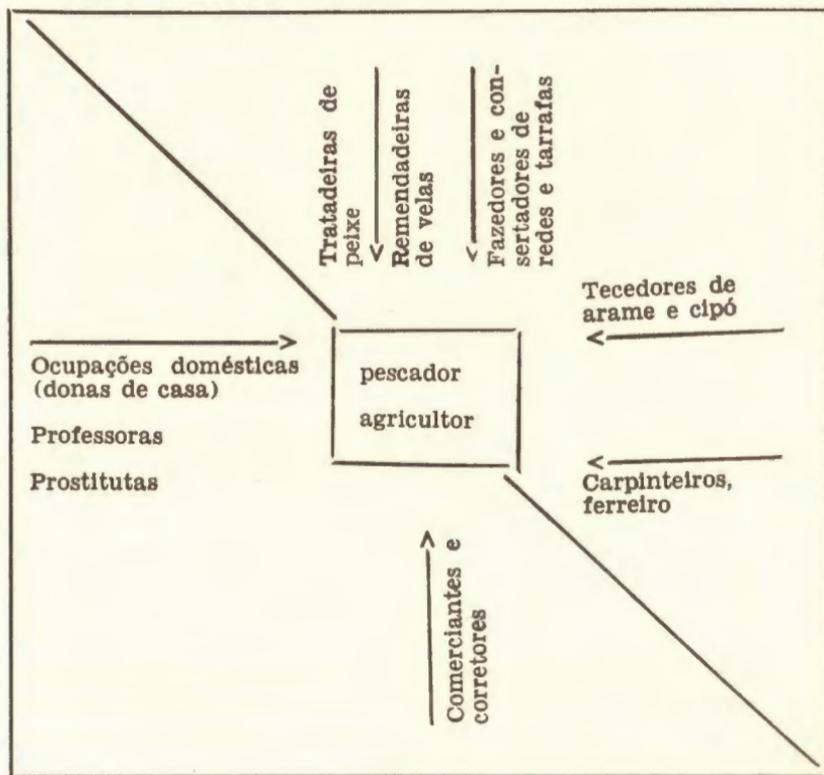
O preço estabelecido para uma relação sexual variava, em 1968, entre Cr\$ 1,00 e Cr\$ 2,00 para pessoas de dentro da comunidade, e até Cr\$ 10,00 para pessoas da cidade (Fortaleza, Acaraú, correspondentes) e cada prostituta "trabalha" uma vez por dia em média.

Sem querer envolver-nos na discussão sobre as causas mais gerais e mais profundas dessa instituição e portanto para o nosso caso causas mediatas, lembramos apenas como ela se processa no nosso contexto. É originada de uma interação de causas sociológicas e econômicas. Com efeito, se todas as prostitutas se mantêm nesse estado premidas pela aguda necessidade econômica, nele ingressaram antes de tudo por uma situação sociológica, passando então a retroalimentar-se essas duas variáveis. O processo se realiza mais ou menos no sentido de uma *self-fulfilling prophecy* (1). Quase todas as prostitutas se iniciam entregando-se quando "moças" a algum rapaz a quem amam, o qual, após insistências e promessas de casamento, com elas obtêm relações sexuais. Quando por um motivo ou outro falham as núpcias, sobre elas recai a sanção social do grupo: olhares de desprezo ou de compaixão, os cochichos, as injúrias, fenômenos esses intensificados pela própria projeção subjetiva da vítima. Ela, de acordo com o quadro de valores locais, se sente "com a honra perdida" e, ao sobrevirem momentos de crise econômica aguda, o seu raciocínio funciona de tal modo a concluir que não compensa preservar-se intocada para o futuro pois todo mundo continuaria a julgá-la sem honra e marginalizada. E entre ficar sem honra e passar necessidade e fome de um lado, e ficar sem honra mas ter o que comer, de outro, é preferível a opção derradeira. Assim, é a própria sociedade que, em parte, as arremessa compulsoriamente nessa vida.

Poderíamos, talvez, representar a estrutura das ocupações nos dois diagramas abaixo, nos quais classificamos ainda essas profissões em constantes e ocasionais, caracterizando-se as últimas pela sua irregularidade e intercadência (são praticadas apenas quando aparece serviço), e as primeiras pela sua regularidade. Constantes são aí somente comerciantes e corretores, no primeiro grupo, e ocupações domésticas, professoras, prostitutas, no segundo. Todas as restantes são ocasionais. Mesmo as constantes não requerem dedicação exclusiva de seus agentes conferindo-lhes disponibilidade de tempo para outras atividades, uma vez que não se registra demanda constante e ininterrupta de serviços dessas profissões. Esse elenco de feições condiciona o en-

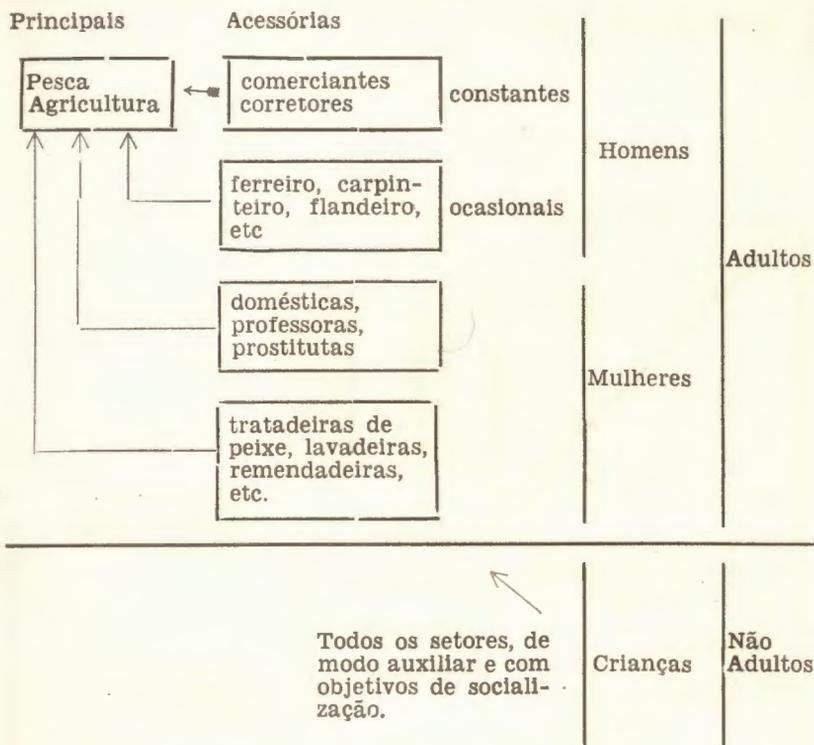
(1) Robert K. Merton, "The Self-fulfilling Prophecy", em *The Antioch Review*, 1948, 8, pág. 193 e segs. Segundo essa "profecia" um certo prognóstico pode criar justamente as condições necessárias para o cumprimento do mesmo.

trelaçamento estreito e contínuo dessas profissões, ensejando a possibilidade de cumulação pelas mesmas pessoas de duas ou mais ocupações. Assim, por exemplo, as prostitutas são ocasionalmente remendadeiras, tratadeiras de peixe e às vezes até donas de casa. (1) Os carpinteiros e os ferreiros se dedicam marginalmente à agricultura, os comerciantes praticam de igual modo acessório as atividades agrícolas e mais raramente a pesca.



(1) Embora naturalmente do levantamento estatístico aqui apresentado constem apenas os números referentes à ocupação principal referida pelas pessoas levantadas.

OCUPAÇÕES



No primeiro diagrama indicam as setas que as atividades periféricas estão mediata ou imediatamente a serviço das atividades centrais. No segundo, apontam a direção em que sói acontecer a cumulação de atividades, como explicado acima.

Inferese dessa estrutura ocupacional fluida quão diminutas são as oportunidades de serviço para as pessoas que representam um aumento demográfico da comunidade, e que a mesma se vincula em nexocausal com o fenômeno de intensa emigração que tem ocorrido e evolvido nos últimos anos. Conforme emerge da tabela II, o número de filhos que abandonaram sua casa entre as 397 famílias recenseadas,

à demanda de outros lugares, é de 420, sendo 154 para Acaraú, 183 para a Capital, 46 para outros lugares do Estado e 37 para outros Estados, sem incluir algumas famílias (de 8 a 10) inteiras que emigraram, depois do levantamento, à busca da Capital. Levando ainda em consideração o número de pessoas emigradas que, apesar de não serem filhos, moravam com o casal (113), a quota monta a 553 pessoas (mais de 50% do atual número de ocupados). Nesse contingente é expressiva a participação do sexo feminino, representado na profissão de empregadas domésticas. A evolução emigratória é indicada pelo aumento de saída desde antes de 1955 até o ano de 1967. É interessante atentar no elevado número de filhos (281) cujos pais ignoram a data de sua saída, o que reflete o grau de capacidade para a fixação de datas e a orientação no tempo.

Outra observação relevante é que as ocupações em si não funcionam como geradoras de prestígio ou de estratificação social, característica que parece não restringir-se a Almofoala, mas a difundir-se a todas essas pequenas comunidades rurais que, no sistema político-administrativo brasileiro, se denominam de povoados, vilas e distritos (excetuado o distrito-sede), diferentemente do que ocorre em países ou regiões altamente desenvolvidos, como por exemplo os Estados Unidos, onde mesmo em pequenas comunidades rurais parece ser inerente às ocupações certa dose de prestígio ou desprestígio (1). O mero fato de a pessoa ser pescador, agricultor ou comerciante é neutro quanto ao prestígio. O que importa é que se trata de pescador com ou sem embarcação própria ou de agricultor "morador", "trabalhador alugado" ou proprietário de terras. O prestígio não eflui pois da relação entre o trabalhador e o objeto ou a essência de sua profissão, mas de uma situação estrutural caracterizada pelas relações de produção. Muitas pessoas apontam a "renda" oriunda das ocupações como fator motriz de prestígio, mas a distribuição da renda já é uma resultante daquela situação estrutural e as pessoas têm, quando não consciência, pelo menos uma intuição desse complexo: perquiridas, por exemplo, sobre que ocupações produzem mais renda, retrucam de imediato, confundindo níveis diversos: "É ser dono de curral", "é ser dono de coqueirais", de "embarcações de pesca" etc. — Alguns entrevistados relatam que no presente a profissão de vaqueiro está muito sem prestígio ("esses coitados estão desmoralizados!"), mas que na época áurea da produção dos currais quando obtinham renda elevada, era seu prestígio bastante grande. Tal afirmação prefigura a renda *prima facie* como causa de prestígio por si, como elemento isolado,

(1) Vide in Reinhard Bendix e Seymour M. Lipset, *Class, Status and Power*, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1953, o artigo de Harold Kaufman, "Prestige Classes in a N. York Rural Community" (pág. 190-203) e o de August B. Hollingshead, "Selected Characteristics of Classes in a Middle West Community" (pág. 213 a 224).

mas nossa hipótese é que nesses casos a renda funciona como reflexo da estrutura das relações de produção: a renda transmuda o "vaqueiro" em dono *potencial* de terra, de curral ou de embarcação, potencialidade que se há efetivado em vários casos. Essa hipótese é corroborada pela resposta de muitos vaqueiros que, indagados por que gostariam de ter muita renda e o que fariam com o seu dinheiro se lhes sobreviesse um período abençoado de produção, sempre retorquiam: "ora, comprava terras para fazer muitos roçados e plantar coqueiros, mas em primeiro lugar eu levantava um curral pra mim". (1) A renda prefigura-se-lhe, por conseguinte, como elemento que os mune de potencialidade de saltar de um pólo a outro do sistema de produção (vaqueiro —> dono de curral, proprietário de terras), devendo contudo advertir que eles não estão cômscios dessa polaridade do sistema. O que de fato perseguem no nível consciente é a mudança, no sistema de vida, de uma situação de precária luta pela subsistência para outra "mais folgada", em que se têm as coisas e se vive melhor. "tendo mesmo quem trabalhe pra gente", situação que sentem atingível somente através da passagem aludida acima.

As ocupações, portanto, não se cristalizaram ainda a independentes símbolos de prestígio, sendo seu jungimento umbilical com a estrutura de relações de produção nesse ponto ainda perceptível e visível "a olho nu". A grande simplicidade da divisão profissional é a conseqüente inexistência que uma complexa trama de "especialidades" contribui decisivamente para isso.

(1) É evidente que o vaqueiro indica aí que se lhe fossem dados os meios, passaria para o pólo de "proprietário" (comprava terras ou passaria a ser dono de curral dando preferência a essa última alternativa, pelo fato de já ter intimidade com esse tipo de trabalho).